

A dimensão pedagógica do vídeo concebida em aulas na Escola Estadual São Benedito, Macapá, AP

Edilene Fernandes Góes¹ e Ana Cristina de Paula Maués Soares²

1 Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia (UNIFAP), Professora do Ensino Fundamental I (Escola São Benedito/AP).

2 Doutora em Ciências Sociais (UFPA), Professora do Curso de Relações Internacionais (UNIFAP).

RESUMO: Este estudo objetivou compreender como vem sendo utilizada a dimensão Pedagógica do Vídeo na Escola São Benedito, Macapá – AP, pois o vídeo traz ao processo ensino e aprendizagem, um conjunto de atitudes metodológicas, que usadas pedagogicamente, favorecem a qualidade da educação de forma significativa, criativa e capaz de encantar e instigar os alunos a buscar mais conhecimento, desmistificando ter o audiovisual apenas o caráter de entretenimento. Teve como suporte investigativo uma abordagem qualitativa etnográfica, focada no processo educativo. Levantando dados a partir de técnicas de observação; entrevistas intensivas e aplicação de questionários. Destacou--se a formação continuada dos profissionais da escola e o interesse, como fatores para o sucesso do uso do vídeo pedagogicamente. Conclui-se, apresentando um estímulo maior em proporcionar mais conhecimento à pesquisadora e melhorar as atividades com vídeo dos professores, em prol de uma educação mais dinâmica e inovadora.

Palavras-chave: Dimensão Pedagógica. Ensino. Aprendizagem. Vídeo. Formação Continuada. Atitudes Metodológicas.

ABSTRACT: This study aimed to understand how has been used to Pedagogical Dimension Video in St. Benedict School, Macapa - AP because the video brings to the teaching and learning process, a set of methodological attitudes that used pedagogically, promote the quality of education significantly , creative and able to delight and excite students to seek more knowledge, demystifying have only audiovisual entertainment purposes. Had as investigative support an ethnographic qualitative approach, focused on the educational process. Collected data from observation; intensive interviews and questionnaires. Highlighted - the ongoing training of school personnel and interest, as factors for the successful use of video pedagogically. The conclusion, presenting a greater stimulus to provide more knowledge to improve researcher and activities with video of teachers in favor of a more dynamic and innovative education.

Keywords: Pedagogical Dimension. Teaching. Learning. Video. Continuing Education. Methodological attitudes.

Sumário: 1 Introdução - 2 Um breve olhar ao passado na raiz do cinema do cenário internacional ao brasileiro - 3 Desafios atuais: cinema e o vídeo dentro de um contexto sócio-educativo - 4 Escola São Benedito: Vivendo um processo de transformação quanto ao ato de educar com o uso pedagógico do vídeo – 5 Considerações finais - Referências.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade sempre procurou externar e registrar os movimentos dos seus atos e acontecimentos de sua vida cotidiana, social, econômica e cultural. Esse encanto pelo movimento propiciou ao longo dos anos a criação de vários aparatos tecnológicos que consolidaram gradativamente a estrutura do Cinema atual. (DUARTE, 2002).

Este consolidou-se de fato no final do século XIX, em 1895 na França, com os irmãos Louis e Auguste Lumière, que inventam o Cinematografo com múltiplas funções acopladas em si, como o filmar, copiar e projetar. Tornando-se assim, o primeiro aparelho qualificado de cinema e a mais das arcaicas das filmadoras, uma revolução do mundo da arte e da indústria, para registrar a vida cotidiana em movimento da sociedade, surgindo os primeiros filmes com aspectos simples, feitos ao ar livre, e classificados em ficção e documentários. Esta nova arte foi expandindo-se pela Europa, América, Ásia e pelo Brasil, tendo como marco histórico, a descoberta do cinematógrafo pelos irmãos Lumière.

Após o enfoque tecnológico, cultural e de entretenimento, chega-se as potencialidade educativas do vídeo (cinema, filme), um formato curto de filme que define-se pelas suas funções agregadoras e disparadora, um processo de vai além do entretenimento na escola. Assim, enfoca-se o vídeo dentro do contexto sócio - educativo, contextualizando-o a sua adaptação na sala de aula, potencialidades, funções e principalmente suas potencialidades pedagógicas, constatando que caracteriza-se pelo cunho pedagógico, visto que toda sua estrutura está relacionada com a vida social, e cultural do homem.(LOBATO, 2012).

De tal modo, detecta-se conforme as mudanças tecnológicas, que busca-se novas formas de ensinar e aprender, assim a escola também precisa ousar em suas atividades pedagógicas, onde os filmes começam a ser usados pedagogicamente na sala de aula. Portanto o uso do vídeo é mais uma ferramenta de cunho pedagógico que poderá dá mais dinamismo na sala de aula, estimular e despertar o interesse do aluno para estudar. (LOBATO, 2012).

A disponibilidade do cinema para o mundo desencadeou o olhar dos profissionais da educação para o uso do vídeo na sala de aula e especial o professor de História, mas de forma lenta. (MANDARINO, 2002).

O mundo apaixonou-se pela arte do cinema, mas ainda na área da educação não conseguiu um espaço para conduzir o ensino-aprendizagem, mas a reflexão da sua dimensão pedagógica está sendo inserida no campo educacional, por educadores preocupados com a melhoria do ensino. Diante, deste foco, a Escola Estadual São Benedito está usando vídeos, apesar do desconhecimento do potencial do vídeo para uma aula mais eficaz quanto ao ensino aprendizagem e dos professores em sua maioria não terem capacitação nesta área, os mesmos usam esporadicamente, porém não exploraram o potencial pedagógico dos vídeos, há um conhecimento de sua importância, no entanto precisam desenvolver atividades que condigam com o aprofundamento pedagógico deste recurso audiovisual, os alunos necessitam aprofundar e manusear tal recurso.

Assim, este trabalho teve por objetivo principal compreender se o vídeo está sendo usado de acordo com sua dimensão pedagógica no processo ensino aprendizagem da Es-

cola Estadual São Benedito, Macapá-AP, a fim de ser um estímulo maior em proporcionar mais conhecimento à pesquisadora e melhorar as atividades com vídeo dos professores em suas aulas, em prol de uma educação mais dinâmica e inovadora.

2 UM BREVE OLHAR AO PASSADO NA RAIZ DO CINEMA DO CENÁRIO INTERNACIONAL AO BRASILEIRO

A alma humana sempre procurou externar e registrar suas ações e acontecimentos da sua vida cotidiana social, econômica e cultural. Enfatizando principalmente, seus movimentos que eram admirados e destacados em pintura ancestrais. Portanto, desde os primórdios que a humanidade percebe a necessidade de registrar movimentos, pó meio da pintura e desenho.

Essa fascinação do homem pelo movimento propiciou ao longo dos anos a criação de vários aparatos tecnológicos que consolidaram gradativamente a estrutura do Cinema atual. Conseqüentemente, com alguns processos de invenções tecnológicas e seus aperfeiçoamentos houve a criação de aparatos registradores de movimentos. Dentre eles, Thomas A. Edison, inventou o Cinetoscópio, consistindo num filme perfurado, projetado no interior de uma máquina sob uma tela, a projeção era apenas de uma pessoa e era vista por uma lente de aumento.

Com o aperfeiçoamento do Cinetoscópio, os irmãos Louis e Auguste Lumière, na França, inventam o Cinematografo com múltiplas funções acopladas em si, como o filmar, copiar e projetar. Tornando-se assim, o primeiro aparelho qualificado de cinema. Assim, que em 1895 os irmãos Auguste e Louis Lumière idealizaram uma máquina capaz de registrar o movimento por meio do uso de negativos perfurados, tornando-se a mais arcaica das filmadoras. Assim, Paris foi agraciada em 28 de dezembro de 1895, no Salão Indiano do Gram Café, com apresentações de filmes curtos com intervalos de 50 segundos cada. Tais filmes eram curiosas fotografias animadas do cotidiano da cidade.

Essa descoberta da filmadora propiciou a origem do cinema propriamente dito, focando com mais relevância os movimentos, que fizeram surgir os primeiros filmes com aspectos simples, feitos ao ar livre, e classificados em ficção e documentários. Tais filmes eram apenas imagens sem áudio.

O cinema falado apareceu ao final do século XIX, a partir do som. O primeiro filme com música e efeitos sonoros foi Don Juan, em 1926, nos Estados Unidos. E três anos depois em 1929, grande parte das películas norte-americana continha sonorização. Assim, “no ano de 1930, o cinema falado destaca-se com seus musicais em massa” (TAVARES, 2005). Consta-se então, um crescimento industrial norte-americano, após a “Primeira Guerra Mundial” e uma calmaria na Europa quanto à criatividade do cinema. Portanto, a partir da década de 20, Hollywood, se consolida como cidade cinematográfica pela produção de novos gêneros como comédia, terror e policial, dentre outros.

No início do século XX, o francês Gerge Meliès, inventa por acaso, a mágica do cinema, quando ao término da revelação de um filme, percebe que a imagem real se transfor-

ma em ilusória. Utilizando desse efeito especial criou um estúdio a Star-Film, e produziu mais de 500 filmes de gêneros diversos, como romances, comédias, históricos, da atualidade, desta forma os “truques realizados durante as filmagens eram montados depois, por meio de cortes e colagens no negativo” (DUARTE, 2002, p. 26). Méliès tornou-se um artesão, artista e criador na arte do cinema, pois escrevia, dirigia, editava e distribuía filmes que foram exibidos por vários países.

Saindo do geral, e passando para uma realidade específica, no caso do Brasil, esse País se envolve com a sétima arte, quando conhece em 1896, o cinematógrafo. Dando assim, seus primeiros passos neste novo mundo áudio-visual a partir de 1898. Alavancando com as filmagens entre 1908 e 1911, com a realização de muitas curtas-metragens dos mais diversos gêneros desde atualidade, paisagens e longas-metragens de ficção, envolvendo dramas, crimes famosos que arrastavam muitas pessoas a assistirem nas salas de exibição do Rio de Janeiro.

Em 1937, é criado por Getúlio Vargas, o Instituto Nacional de Cinema Educativo – INCE – “com o objetivo de incentivar a produção e a exibição de filmes que, fundados em temáticas exclusivamente nacionais, e valorizassem a cultura brasileira.” (DUARTE, 2002, p. 33). O cinema brasileiro teve influência da industrialização, tendo a produção de filmes em escala industrial. Dando origem em 1940, na Cidade do Rio de Janeiro, à Companhia Atlântida, que fez a exibição de muitos filmes, como as chanchadas, e comédias de costumes, que continham características carnavalescas e consagraram alguns atores, dentre esses grandes Otelo, Oscarito, Zé Trindade e Dercy Gonçalves.

Entre o final da década de 1950 e meados dos anos 70, a cinematografia brasileira vivencia dois mundos paralelamente, o Cinema Novo e o Marginal, tornando-se o período mais estético e intelectual da arte nacional, com muita pluralidade de estilos e ideias. O Cinema Novo teve em sua essência a contradição da política dos autores, com baixo orçamento e a renovação da linguagem, com filmes produzidos ao ar livre com poucos recursos, enfatizando o movimento estético. Tendo Glauber Rocha, principal protagonista, que expôs o manifesto “Estética da Fome”, para retratar a desigualdade social, a miséria e a opressão dos brasileiros sem condições técnicas cinematográficas e o custo do cinema industrial.

Neste período também ressalta-se na sociedade brasileira, o Cinema Marginal, reverenciado dentre outros, por Ozualdo Candeias, Rogério Sganzerla e Júlio Bressane, usando uma linguagem voltada para a estética do lixo, proporcionando desconforto ao espectador, pelo desencantamento, sarcasmo e ironia, “rompe com a ideia corrente de que os filmes deveriam, em primeiro lugar, agradar ao público” (XAVIER apud DUARTE, 2002, p.36).

Os anos seguintes, o cinema brasileiro vivenciou um período de fortalecimento, devido as polêmicas da Embrafilme e do Concine, que apoiavam a produção e exibição dos filmes nacionais. Com a extinção desses organismos, em 1990, a produção caiu muito, levando a cinematografia brasileira atravessar uma crise profunda. Esta crise, em meados dos anos 90, desapareceu, e o cinema do Brasil renasce, apoiado em leis de incentivo fiscal “ expondo seu vigor, diversidade e criatividade que conquistaram admiração, interesse e reconhecimento internacional” (DUARTE, 2002, p.36).

3 DESAFIOS ATUAIS: CINEMA E O VÍDEO DENTRO DE UM CONTEXTO SÓCIO-EDUCATIVO

O professor poderá trabalhar com as fases de produção, detectando com os alunos, a essência, a origem, o projeto, a idéia, a imagem, o resumo, as ações, a linguagem, as cenas, os objetivos, as expectativas do público, a narrativa, as seqüências, organização do vídeo, permitindo que o educando interaja com o processo de produção do filme, facilitando a criatividade e pensamento.

[...] Visando, Pensando, Supondo, desta maneira, com o vídeo, pretende-se, verifica-se o comportamento, motivação, auto-confiança (perda da timidez), integração de capacidades (desperta habilidades, inteligências e aptidões múltiplas); trabalho em equipe (valorização do trabalho em grupo e a interação social (colaboração, estímulo e entrosamento), compreensão global do processo, entendimento e desenvolver as atividades com desenvoltura), relacionando cenas com seu cotidiano, pode ser usado com todos os públicos, nos mais variados contextos educacionais, com diferentes propósitos. (FREIRE, ROCHA e VARGAS, 2007, p.2).

Percebe-se de acordo com Lobato (2102) que o vídeo possui a função agregadora, seja qual for o vídeo, o mesmo agrega muitos conhecimentos das ciências exatas, humanas e sociais. E a função disparadora que abriu caminhos para introduzir um conhecimento. A metodologia e a interdisciplinaridade devem ser observados, pois sua dinâmica de uso facilita o ensino-aprendizado (entrelinhas do vídeo). Assim, o vídeo carrega em si, um acervo de informações que podem ser relacionados ao conteúdo programático.

No entanto, tendo o cuidado ao ser introduzido em sala de aula, devido sua essência de entretenimento. Assim, sua análise e leitura deve ser de forma adequada e competente, "não apenas do ponto de vista dos conteúdos curriculares, mas buscando um aproveitamento pleno, inter e transdisciplinar e principalmente estimulando a alfabetização do olhar" (MANDARINO, 2002).

Ponderando que a análise do produto audiovisual, baseia-se no que se pretende com seu uso em sala de aula. Enfatizando os objetivos da aula e até que ponto o filme será capaz de atender nossos anseios, apesar de suas falhas que podem ser superadas com um bom planejamento de sua utilização. Essa prática deve ser constante "o professor deve sempre assistir e analisar o material que pretende utilizar para poder planejar sua aula a partir de seus paradigmas educacionais". (MANDARINO, 2002).

Não é preciso ficar procurando um conteúdo no vídeo, mas fazer a análise do mesmo, extrair do produto audiovisual para fins didáticos, que estarão ligados aos objetivos de utilização do produto.

Toda tecnologia pode ser inserida na sala de aula, tornando-se um recurso didático de apoio pedagógico, desde que sejam explorados de várias formas, ampliando a realidade vivenciada pelos alunos. Assim, o educador terá de imediato algo concreto para ilustrar, enfatizar, condensar, ampliar o conteúdo ministrado em sua sala de aula. Sugerindo ao aluno novas pesquisas, no que tange fatos relevantes a sua realidade de sociedade comunitária ou global. Deste modo, o ensino abstrato, materializa com o uso de imagens, pesquisas, demo-

cratizando o conhecimento e a cultura. Permitindo, então que a sala de aula torne-se um ambiente de interação, fazendo comunicação entre o corpo docente-discente e o mundo. Portanto, o caráter pedagógico estará sempre vinculado a preocupação do educador como crescimento intelectual do seu aluno e com a sua vontade de se atualizar sempre.

Fica explícito que cada recurso trata da realidade de maneira diferente, então, o conteúdo será analisado diferente ângulos, dependendo do recurso utilizado. Vale destacar que o vídeo tem suas potencialidades, por isso Mandarino (2002) enfoca alguns pontos a serem considerados no planejamento ao usar um vídeo: o vídeo possibilita vários caminhos que se abrem com suas utilizações, portanto numa aula com vídeo, deve-se explorar o vídeo, comparando-o com outras formas de ensinar; destacar sua unção de mostrar novos conceitos, ou não, motivando o aluno. Bem como, despertar a curiosidade e interesse, e transmitir idéias básicas da aula; relacioná-lo com textos, complementado-o com textos; permita fundamentar o cotidiano nas ciências. A aula deve ser planejada com a participação constante do professor, "assim, o vídeo pode ser usado como instrumento de leitura crítica do mundo, do conhecimento popular, do conhecimento e da própria mídia" (MANDARINO, 2002).

Portanto, "o aluno não se vê mais como mero coadjuvante no binômio transmissão-recepção de conhecimento. Agora ele pode estabelecer junto como o professor, uma relação entre o que vê e o que ouve". (FREIRE, CARIBÊ, 2004, p.3). Dessa forma, a função do audiovisual vai além da mera transmissão do saber, ela destaca-se por viabilizar a pesquisa, a criticidade, o diálogo, e o auxílio a investigação científica. Mas vale ressaltar que nem tudo pode ser aplicado por intermédio do vídeo, já que o mesmo tem seu aspecto de entretenimento do espectador.

4 ESCOLA SÃO BENEDITO: VIVENDO UM PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO QUANTO AO ATO DE EDUCAR COM O USO PEDAGÓGICO DO VÍDEO

A pesquisa da Escola Estadual São Benedito, localizada na área sul de Macapá, na rua General Rondon, nº 419, Bairro Julião Ramos foi realizada tendo como suporte de investigação a metodologia qualitativa Etnográfica da prática escolar que é uma pesquisa descritiva, com o foco de interesse voltado para o processo educativo, investigado pelas técnicas de observação, entrevista intensiva, questionários e análise de documentos. Assim, a pesquisa qualitativa pressupõe que o comportamento humano para ser entendido necessita da perspectiva subjetiva do pesquisador e do participante, possibilitando diante de sua abertura e flexibilidade um novo olhar à realidade educacional. A coleta de dados foi realizada no Ensino Fundamental I com as 10 turmas do turno da manhã e se fez com 10 professores; 20 alunos; 01 pedagoga; e 01 diretora.

Na escola, tal recurso vem romper com paradigmas das aulas tradicionais, sem movimento e som. De acordo com Moran (2009), haverá uma revolução, se com a utilização das mídias seja confirmado a mudança no ensino convencional, caso contrário existirá apenas um verniz de modernidade, sem mudanças na essência.

Diante dos resultados levantados por meio dos questionários, na escola São Benedito do universo de 10 professores do primeiro segmento do Ensino Fundamental, 100% responderam que a Dimensão Pedagógica do Vídeo existe sim. Para Almeida (2010), as tecnologias fortificam o ensino- aprendizagem, quando estão vinculados ao conteúdo ensinado, às metas a serem alcançadas, visto que, a utilização dos recursos midiáticos facilitam a observação e análise de elementos que contribuirão para a construção do conhecimento.

A dimensão pedagógica do vídeo, desta forma, se evidencia por meio da iniciativa, participação e estímulo do educador, o qual adequa e cria jeitos diferentes de utilizar o vídeo em seu planejamento educativo, permitindo construir aos olhos dos alunos um objeto sedutor capaz de levá-los a avançar e quererem adquirir mais conhecimento.

Mediante a análise das respostas obtidas pela entrevista com a diretora, a mesma afirmou que por ser uma ferramenta importante, há um leque de possibilidades positivas, quanto a utilização do vídeo. Na dimensão pedagógica há projetos ricos que fazem a diferença quando executados efetivamente.

Para a pedagoga, desde que seja um espaço de extensão da sala de aula, promove não só a capacitação de professores, mas a complementação de saberes dos que utilizam tal espaço. Para Moran (1995) a incorporação dessa mídia na escola vem enfrentando dificuldade para ser utilizada como um recurso pedagógico, devido à forma aleatória e entusiasmada de implantação, assim como o desconhecimento da dimensão pedagógica desta tecnologia audiovisual. De acordo com Moram (2008) o cinema e o vídeo - os meios de comunicação audiovisuais – indiretamente exercem um papel educacional relevante, por conterem várias interpretações, modelos de comportamento, linguagens coloquiais e multimídia, assim como alguns valores em detrimento de outros.

A diretora em entrevista confirmou que a aula com vídeo é viável, por que reforça a fixação do conteúdo desenvolvido pelo professor, auxiliando-o a buscar novas possibilidades/recursos de modo a aprimorar a aplicação da respectiva ferramenta. A pedagoga afirmou que são viáveis todas as tecnologias de informação e da comunicação que promovem o conhecimento global e diferenciado, tirando-nos do usual da sala de aula. Para Almeida (2010), as tecnologias fortificam o ensino- aprendizagem, quando estão vinculados ao conteúdo ensinado, às metas a serem alcançadas, visto que, a utilização dos recursos midiáticos facilitam a observação e análise de elementos que contribuirão para a construção do conhecimento.

Com relação à motivação do ensino com aulas de vídeo, 100% professores e 95% dos alunos disseram que sentem motivados a ensinar e aprender cada vez mais, respectivamente, quando interagem com o vídeo. O recurso didático possibilita várias formas de ensinar e aprender, proporcionando um ambiente de mudanças, bem longe da mesmice. Portanto, são inovadores e fazem o conhecimento florescer. “basta que se tenha o olhar sensível do educador, projetando-se para um novo jeito de caminhar” (ARCANJO, SILVA, SANTOS, TENÓRIO, p.02, 2010).

Com relação à finalidade do recurso midiático vídeo, a maioria dos educadores, ou seja, 90% opinaram que o vídeo tem a finalidade de aprendizagem, assim como 100% dos

alunos . Mas, em observação nas atividades pedagógicas da Sala de Vídeo, os alunos conseguem relacionar o vídeo apenas ao cunho de entretenimento.

A cultura do uso do vídeo apenas por entretenimento está arraigada na instituição escolar, os professores e a escola desconhecem o potencial didático educativo que se esconde em um recurso audiovisual, pois não é apenas um apêndice da aula Paulatinamente, Mandarino (2002) destaca que o processo de mudança perpassa pela capacitação dos docentes em visualizarem as diversas formas de se utilizar um vídeo para enriquecer sua prática pedagógica, facilitar a aprendizagem do aluno, a auto-estima e as relações interpessoais, então deve ser usado mediante planejamento e organização, para direcionar os alunos a praticarem por si, as atividades de aprendizagem.

Ressaltando que o vídeo “por si só não garante uma aprendizagem significativa”, visto que o educador será o mediador do conhecimento, em função de sua criatividade, procedimentos técnicos – pedagógicos, bom senso, e experiência docente que o dará condições de saber quando usar o vídeo em sua aula, para poder interceder entre a cultura do vídeo e as necessidades educativas dos alunos, por ser um elemento de apoio na construção do conhecimento.

Os 80% dos professores realizam aulas com vídeo. E concernente, a mesma temática 60% dos alunos disseram que seus professores não dão aula nenhuma com o uso do vídeo. Para Mandarino, (2002) há muitas dificuldades na prática docente quanto ao uso do vídeo para a aula como excesso de trabalho, falta de tempo, baixos salários, que devem ser superados por um projeto coletivo dos profissionais da escola. Portanto, “inovar, criar, experimentar é, pois desafios importantes na vida profissional” (ARCANJO, SANTOS, SILVA E TENÓRIO, p.01, 2010). A mídia vídeo é reduzida a um mero transmissor de conteúdo, quando o professor não faz a interlocução entre o que está sendo assistido e os alunos, estes por sua vez ficam passivos diante do conteúdo que poderia ser explorado nas suas mais variadas facetas científicas.

Assim, o educador terá de imediato algo concreto para ilustrar, enfatizar, condensar, ampliar o conteúdo ministrado em sua sala de aula. Sugerindo ao aluno novas pesquisas, no que tange fatos relevantes a sua realidade de sociedade comunitária ou global. Deste modo, o ensino abstrato, materializa com o uso de imagens, pesquisas, democratizando o conhecimento e a cultura. Permitindo, então que a sala de aula torne-se um ambiente de interação, fazendo comunicação entre o corpo docente-discente e o mundo.

Ainda que o vídeo seja um instrumento didático valioso para uma aula, o mesmo poderá vir a ser usado de forma inapropriada, causando prejuízos à aprendizagem, o autor Moran (1995) corrobora dessa opinião, já que o recurso audiovisual poderá ser utilizado na escola opostamente aos critérios sugeridos. Nesse caso, o aproveitamento das potencialidades educativas e criativas da aula estaria prejudicado com as seguintes atitudes de utilização: vídeo como tapa-buraco do tempo vago do aluno; vídeo-enrolação - sem vínculo com o assunto da aula; vídeo-deslumbramento - sendo deixadas de lado as outras tecnologias educacionais; vídeo-perfeição - todos os outros vídeos são imperfeitos no conteúdo, estética e técnica; só-vídeo - sem a necessária interligação com os outros momentos da aula.

Dos professores 50% e 75% dos alunos disseram que a aula com vídeo é excelente. Ainda de acordo com os professores, 40% afirmaram que não há nenhuma dificuldade em sua aula com vídeo e 60% dos alunos comungam da mesma ideia. Na opinião dos professores 40% opinaram que é preciso melhorar a estrutura física da sala de vídeo e ter mais acervo na mesma. Os 45% dos alunos disseram que para melhorar a aula audiovisual é preciso ter um televisor maior. Em consonância com Moran (2009), a política educacional precisa de suportes tecnológicos, os quais definem - se por um ambiente com estrutura confortável e capacitação para os professores, focada nos procedimentos de técnica e maneiras pedagógicas quanto ao uso do vídeo, além de condições favoráveis de trabalho; proporcionando os recursos necessários, teorias, auxílios novos para o ensino-aprendizagem; esclarecimentos quanto às dimensões pedagógicas do vídeo, assim como de uma sensibilidade por parte dos educadores em perceber as potencialidades didáticas que se pode obter com a interação da tecnologia audiovisual em questão.

Os 70% dos professores disseram que não participaram de nenhuma capacitação na área sobre vídeo. Embora seu acesso seja fácil, sua inclusão na sala de aula ocorreu a partir da década de 90. E Moran (1995) foi um dos pioneiros a discorrer a respeito do tema em seu artigo "O vídeo na Sala de Aula", enfatizando que este recurso por estar ligado aos alunos como forma de descanso, cabe ao professor aproveitar esta realidade para chamar a atenção dos discentes para os conteúdos disciplinares, sem esquecer-se de estabelecer vínculos com outras dinâmicas da aula, demonstrando segundo Almeida (2010) que desde a incorporação do recurso audiovisual na escola, pouquíssimo se investiu em capacitação dos professores para uma melhor utilização do vídeo ou visualização do seu potencial didático pedagógico.

Para Almeida (2010), os professores nunca tiveram um curso de capacitação e nem tiveram em sua formação abordagens relacionadas ao foco da pesquisa, levando-os a terem dificuldades para trabalhar com os educandos, fato que se agrava ainda mais pela falta de recursos que viabilizam o ensino-aprendizagem.

De acordo com Moran (2008), que não bastam somente teorias, é preciso uma mudança sutil na forma de construir o conhecimento, primando pela criatividade e dinamização da prática de atividades planejadas com o emprego da mídia vídeo. E isto ocorre segundo Lobato (2012) à medida que esta permite a introdução e motivação para novos conhecimentos, auxilia na concretização de ideias, aproxima o mundo real à escola, tem a função disparadora por direcionar o pensamento ao tema de forma direta, e agregadora por abranger vários assuntos em um mesmo tema. Frente a essa situação, cabe ao professor o papel de elaborar e redimensionar práticas educativas que confirmem a dimensão pedagógica do vídeo, baseadas em reflexões favoráveis ao ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato, que já existe um cenário nacional propício para a inserção na sala de aula do recurso audiovisual vídeo, mas é preciso uma mudança de cultura e de organização do projeto pedagógico da escola. Portanto, a comunidade educacional precisa tomar novos ru-

mos e diretrizes quanto sua pedagógica tradicional, para dá espaço para o uso do vídeo, no entanto não de forma aleatória, mas com consistência e planejamento, criando um ambiente que perceba o potencial do recurso vídeo, juntamente com as outras tecnologias proporcionarem o sucesso da aprendizagem e do ensino.

Inserida nesta adaptação, a escola Estadual São Benedito, vem buscando aos poucos usar o vídeo, desta forma a mesma tornou-se foco de investigação, em que foi possível perceber que a escola possui a aparelho de dvd e televisão, mas que uma minoria de professores vem usando o video dentro de uma visão pedagógica, pois em observações e de acordo com os alunos a maioria não tem o hábito de usar os vídeos em suas aulas, apesar de terem confirmado esse hábito na pesquisa, bem como quando os usam esporadicamente, não exploraram o potencial pedagógico dos vídeos.

A inserção do vídeo na escola, não se baseia somente no manuseio correto do vídeo, mas como o professor se apropriará do mesmo para alcançar os objetivos de sua aula. Conforme Moran (2009), as tecnologias podem vir com imagens e outros recursos audiovisuais, no entanto o papel do professor será proporcionar ao aluno a interpretação, correlação e contextualização dos dados contidos nas mídias.

Para Almeida (2010), os professores nunca tiveram um curso de capacitação e nem tiveram em sua formação abordagens relacionadas ao foco da pesquisa, levando-os a terem dificuldades para trabalhar com os educandos, fato que se agrava ainda mais pela falta de recursos que viabilizam o ensino-aprendizagem. Isto se confirma na escola pesquisada, pois a maioria dos profissionais da educação não fizeram nenhum curso de capacitação técnico-pedagógico nesta área midiática audiovisual, os mesmos usam esporadicamente, porém não exploraram o potencial pedagógico dos vídeos

O filme, enquanto testemunho de várias áreas do conhecimento, pode ser visto tanto pela sua produção histórica quanto por seu caráter pedagógico. Assim, a aula não pode ser explorada só com o filme, pois o mesmo não poderá abordar todos os aspectos do conteúdo, precisando ser usado com outros recursos, para proporcionar várias formas de pensar o conhecimento, bem como ter aulas mais dialógicas e possibilidades metodológicas entre professor e alunos.

Em consonância com Moran (2009), a política educacional precisa de suportes tecnológicos, os quais definem - se por um ambiente com estrutura confortável e capacitação para os professores, focada nos procedimentos de técnica e maneiras pedagógicas quanto ao uso do vídeo, além de condições favoráveis de trabalho; proporcionando os recursos necessários, teorias, auxílios novos para o ensino-aprendizagem; esclarecimentos quanto às dimensões pedagógicas do vídeo, assim como de uma sensibilidade por parte dos educadores em perceber as potencialidades didáticas que se pode obter com a interação da tecnologia audiovisual em questão.

Comprova-se a construção de uma escola tecnológica. Que está caminhando lentamente do uso da dimensão pedagógica do vídeo, que já iniciou em suas pequenas ações, superar a resistência do uso do vídeo, buscando na sétima arte: o cinema, uma ferramenta

pedagógica com grande potencial educativo, que precisa ser repensado na escola e manuseado com criticidade, para o desenvolvimento de uma alfabetização audiovisual.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elisabeth Bianconcini de. A Tecnologia Precisa estar na Sala de Aula. **Revista Nova Escola**. Edição 233. Junho/Julho, 2010. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/avaliacao/entrevistapesquisadora-puc-sp-tecnologia-sala-aula-568012.shtml>. Acesso em: 12 fev. 2013.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. 14ª ed. São Paulo: Papi-rus, 1995.
- ARCANJO, Jacianeide Gabriel; SANTOS, Paulo Ricardo; SILVA, SILVA, Silvio Profirio da; TENÓRIO, Alexandro Cardoso. **Recursos Didáticos e o Processo do Ensino Aprendizagem**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Pedagogia/arec_didaticos.pdf. Acesso: 27 nov. 2014.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FREIRE, Fernanda Maria Pereira; ROCHA, Heloísa Vieira; VARGAS, Ariel. **Promídiã: Produção de Vídeos Digitais no Contexto Educacional**. In: V.5 N° 2, Dezembro, 2007. CINTED-UFRGS. Novas Tecnologias na Educação. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo10/artigos/1bAriel.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2014.
- FREIRE, Larissa Almeida; CARIBÉ, Ana Luiza. O filme em Sala de Aula: como usar. **Revista Eletrônica: O Olho da História**. 2004. Disponível em: <http://www.olhodahistoria.ufba.br/artigos>. Acesso em: 27 nov. 2014.
- LINDOMAR. **História do Cinema**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/cinema/historia-do-cinema>. Acesso em: 27 nov. 2014.
- LOBATO, Catarina. **Uso Pedagógico da TV Escola**. IN: Oficina Local: NTE – Núcleo de Tecnologia Educacional. Macapá – AP. Período: 16 a 20/04/2012.
- MANDARINO, Mônica Cerbella Freire. Organizando o Trabalho com Vídeo em Sala de Aula. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas** - Ano 01, número 01, 2002.
- MORAN, José Manuel . **Mudar a Forma de Ensinar e de Aprender com Tecnologias**. In: MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 16ª ed. Campinas: Papi-rus, 2009, p.11-65. Disponível em <http://www.eca.usp.br/moran/uber.htm>. Acesso: em 07 e 09 de fev. de 2013.
- _____. O Vídeo na Sala de Aula. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna. 1995. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>. Acesso em: 10 de out. de 2012 e 09 e 10 de fev. de 2013.
- _____. Aprendizagem Significativa. **Portal Escola Conectada da Fundação Ayrton Senna**, publicada em 01/08/2008. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/significativa.htm>. Acesso em: 20 de out. de 2012 e 13 de fev. de 2013.
- TAVARES, INGRID. A história do Cinema. **Revista SUPER**. nº 219. 27 nov. 2005. Disponível em: <http://super.abril.com.br/cultura/historia-cinema-446090.shtml>. Acesso em: 27 nov. 2014.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. **As Interfaces da Pesquisa Etnográfica na Educação**. Disponível em: www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1237/1050. Acesso em 03 de fev. de 2013.

UNIFAP (Universidade). Pró - Reitoria de Ensino de Graduação. **Manual para Normatização de Monografias do Curso de Especialização em Mídias na Educação**. Macapá, 2014. 26p.

Artigo recebido em 23 de março de 2015.

Aprovado em 10 de março de 2016.